

especial 103,5

RÁDIO RIO PARDO FM

Nº 10 | JULHO DE 2022

As histórias do segundo distrito de Rio Pardo

Páginas 10, 11, 12 e 13

**A Miss Rio
Grande do Sul
de Pantano**
Página 5

**Mais de meio
século pelas
estradas do Sul**
Página 8

**As bandas
marciais que
mantêm a tradição**
Página 14

**Gisele, os livros,
a borboleta e o
Joaquim**
Página 18



ALÉM DO CARNAVAL

Na cadência da Cartola do Amanhã

O sonho de um apaixonado pelo carnaval, se tornou realidade beneficiando crianças e adolescentes



A maior festa popular do mundo tem em Rio Pardo foliões que aguardam ansiosos sua chegada. O Carnaval da Cidade Histórica é bem peculiar, reunindo diversos aspectos da folia de Momo celebrada em todo Brasil. O ponto alto, claro, são os desfiles na Avenida Gogóia. Esse é o momento em que a velha guarda do carnaval rio-pardense reúne com jovens apaixonados pela folia proporcionando belos espetáculos.

Um desses foliões é Christian Ribeiro Garcia, de 36 anos, fiscal de prevenção de perdas em um supermercado. Ele é integrante da bateria Mestre Caçarola, a Furiosa dos Vales, da Embaixadores do Ritmo. O ritmista diz que sempre quis passar seu conhecimento aos mais jovens. Christian também é diretor de bateria da verde e branco e ritmista de algumas escolas de samba da Capital e da região. "Fazer parte de um Projeto Social voltado para crianças e adolescentes sempre foi um

sonho. Com o apoio da minha família e amigos dei início a esse grande sonho".

O Cartola do Amanhã teve início dia 10 de março de 2022, após o encontro com alguns amigos que hoje fazem parte da diretoria do projeto. "Em janeiro de 2023 tiramos o sonho do papel e comecei a ministrar as aulas de Bateria, na qual me identifico".

O projeto é realizado na quadra da Escola de Samba Embaixadores do Ritmo e hoje, atende em torno de 60 crianças e adolescentes divididos em quatro turmas: duas turmas de bateria, uma turma de dança e outra turma de percussão. "Eu acredito que essas crianças futuramente podem trilhar um caminho incrível dentro da música", diz Christian.

O Cartola do Amanhã promove esse aprendizado que os jovens levarão para vida toda e a inclusão também é objetivo do projeto. "Promovemos a inclusão social de crianças e jovens com deficiência e portadores de necessidades espe-

ciais".

E se engana quem pensa que só podem participar quem é ligado aos Embaixadores do Ritmo. "Qualquer criança ou adolescente interessados nas atividades podem participar, pois o projeto é aberto para todas as crianças e adolescentes da cidade e de qualquer entidade carnavalesca", pontua Christian.

São atendidas crianças de vários bairros da cidade tais como: Rosário, Higino Leitão, Guerino, Centro, Fortaleza, Parque São Jorge, Boa Vista, Jardim Boa Vista e Mutirão Do Camargo.

Christian Garcia diz ainda esperar uma transformação dos participantes. "O que eu espero com a realização desse projeto é a inserção social das crianças e adolescentes e realizar uma transformação de vida, envolvendo os familiares e a comunidade, beneficiando consequentemente a todos.

Ou seja, o espetáculo na Avenida Gogóia está garantido por muitos anos com a cadência do Cartola do Amanhã.



"Eu acredito que essas crianças futuramente podem trilhar um caminho incrível dentro da música"
(Christian Ribeiro Garcia)



Raquel
doces em artes

BOLOS | DOCES | SALGADOS
Personalizados em um só lugar!

51 99510 9158
Raquel Oliveira

Expresso São Nicolau
Rua Dr. Apolinário Francisco de Borba, 82
Rio Pardo/RS 96640-000
(51) 3731-1216

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA CONVIDA PARA A

PROCISSÃO MOTORIZADA EM HOMENAGEM AO AGROPECUARISTA E AO MOTORISTA

DOMINGO DIA 30 DE JULHO



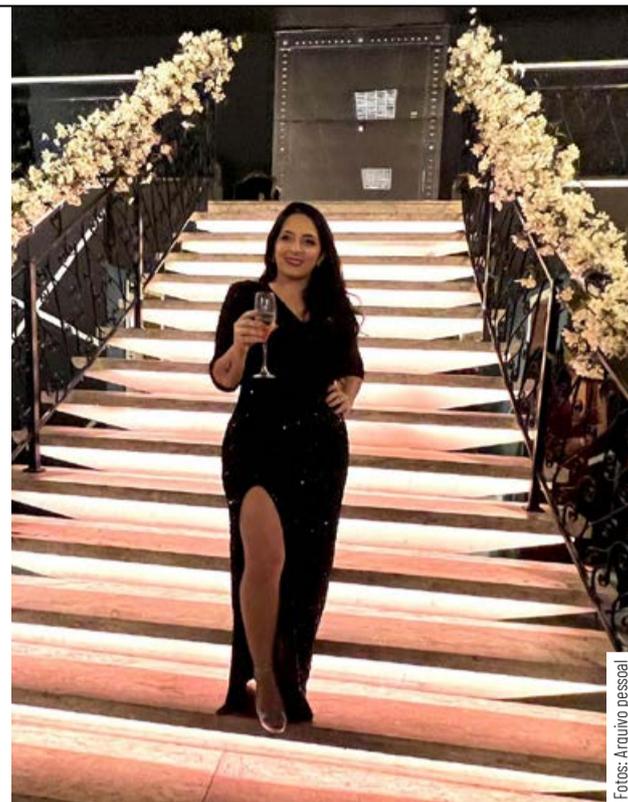
PROGRAMAÇÃO:
 9h00: Missa na Igreja Matriz
 10h15: Procissão com Bênção aos Motoristas
 12h00: Almoço no Ginásio de Esportes com Churrasco de Ovelha e Gado
Participe, você é o nosso convidado!

Rede de Óticas Mercadão dos Óculos!

AÍ EU VI

NOVIDADE VANTAGEM PREÇO BAIXO

Rua Dr. João Pessoa, 770 | Rio Pardo/RS
(51) 99217-3516



Fotos: Arquivo pessoal

FOCO E OBJETIVO

Respeito ao processo em busca do sucesso

Manicure rio-pardense se torna primeira instrutora de cursos profissionalizantes da região



"Eu aprendi muito e consegui adquirir bastante conhecimento para transmitir para outras pessoas."

A manicure Tanise Barcelos participou da 1ª colação de formatura de instrutoras no Rio de Janeiro no dia 19 de junho. O certificado tem o selo do Ministério da Educação (MEC). Ela é uma das três gaúchas que receberam esse diploma.

Tanise, que atua na área há 22 anos, destaca que essa formação tem um propósito maior. "Transmitir às minhas alunas o quão grande é nossa profissão".

O processo de formação no curso dura um ano. A certificação de instrutoras Kaf Black é registrada pela Universidade de Brasília e reconhecida pelo

Ministério da Educação. Tanise é a primeira instrutora de cursos profissionalizantes da região do Vale do Rio Pardo. "O meu propósito era buscar o melhor para mim, para o meu negócio, para minha carreira, para as minhas alunas, para a minha filha. Eu aprendi muito e consegui adquirir bastante conhecimento para transmitir para outras pessoas".

Tanise Barcelos ainda participou como palestrante do Nail Black Day, evento que aconteceu no Rio de Janeiro e reuniu cerca de 100 manicures de todo Brasil. "Foi um dia lindo, cheio de trocas de conhecimento", relembra, fa-

lando ainda que apresentou seu método chamado FOPS. "Eu digo que a gente sempre consegue tudo o que deseja. Qualquer pessoa se dá bem na vida tendo dedicação, sabendo respeitar o passo a passo, e buscar um objetivo maior para alcançar o que deseja".

A manicure faz questão de citar seu esposo Douglas como seu maior incentivador. Após o certificado, Tanise conta seus planos para o futuro. "O meu propósito é levar adiante tudo que aprendi". Não só na sua profissão, mas também incentivando outras pessoas a buscarem seus objetivos, seja na área que for.

Colono e motorista
"Cultivando a terra ou transportando mercadorias, vocês são essenciais para o nosso país!"

EDILSON BRUM
 ESPECIALISTA

GreenWatt
 RENOVÁVEIS

A GreenWatt veio para ficar em Rio Pardo!
 PROJETOS RESIDENCIAIS - COMERCIAIS - INDUSTRIAIS - RURAIS

gw.solar www.greenwatt.solar Luiz: (51) 99666-0561

BELEZA

Pantano Grande tem Miss Rio Grande do Sul

Camilla Schiedeck, de 27 anos, vai representar a beleza gaúcha (e pantanense) no Miss Brasil, em setembro

Beleza que encanta. Some-se a isso, a simpatia e a forma como recebe a todos em seu consultório de odontologia e estética na cidade que, orgulhosamente poderá ter em breve, um título nacional de beleza ressaltando a mulher pantanense. Camilla Eidt Schiedeck, de 27 anos, participou do primeiro concurso disputando o título de Miss Brotinho, ainda na fase de transição do mundo infantil para a pré-adolescência. Daí veio o gosto em desfilar nas passarelas. Mas, tem outro ingrediente muito importante para que isso esteja acontecendo, o incentivo da mãe Ana Elisa Eidt. Ela também foi do mundo fashion e trabalhou como modelo entre as décadas de 70/80 e fez sucesso.

Sucesso este que vê a filha conquistando também, com o título de beleza em nível estadual recentemente ganho em um concurso de beleza na Serra gaúcha. Camilla é dentista, com especialização em Ortodontia e Harmonização Facial e sonha em galgar o mundo das passarelas, não só no Brasil como também no exterior. Afinal, a Miss Rio Grande do Sul, de Pantano Grande, tem o direito de sonhar e transformar em realidade o seu sonho, pois não somente a beleza lhe impulsionará para o objetivo a ser conquistado, como também o conhecimento cultural, que é um dos critérios de análise dos jurados do Festival da Beleza Nacional Integral (FBNI). Esta foi a terceira vez que participou do concurso, que teve 16 candidatas na edição deste ano. No ano passado ela conquistou o quarto lugar e na etapa nacional, ficou em terceiro lugar. “É um concurso que quebra os paradigmas de que uma Miss é apenas um rosto, um corpo. Uma Miss é beleza completa, onde é necessário

ter cultura, conhecimento e tudo que a gente agregar na sociedade e empoderar outras mulheres”, diz ela, acrescentando que tem grandes planos e que almeja coisas maiores dentro deste universo.

Em setembro ela vai participar da etapa nacional que vai ser em Gramado: “será uma semana com diversas provas, confinamento, concentração total e se eu conquistar o título de Miss Brasil, certamente estarei indo para o cenário internacional em outras disputas”, afirma. Camilla é extrovertida, falante e comunicativa, e de grande conhecimento cultural principalmente do nosso Rio Grande do Sul, onde sempre foi ligada ao tradicionalismo e já conquistou títulos importantes como prenda. “Este segmento de beleza do concurso que eu disputo é de um segmento diferente do tradicionalismo, mas ao mesmo tempo semelhante em alguns pontos, que eu fui vendo no decorrer do tempo. Essa parte de empoderar as mulheres, de trazer cultura e esta questão de incentivar a mulher na participação de projetos sociais, tem tudo a ver pois consegui associar essas diretrizes na vida”, conta.

Sobre a importância desse concurso que participa, Camilla tem uma opinião formada onde ressalta basicamente o retorno de eventos de beleza depois de um longo período sem ser realizado e inclui o tempo da pandemia. “Hoje estão se reerguendo e voltando, quebrando paradigmas que se via em critérios de avaliação do júri, de que Miss tinha que ter uma medida exata, peso exato e hoje em dia até por uma questão do fim de preconceitos, consegue trazer todos ao padrões de beleza, agregando todas as pessoas sem diferenciação”.



“Devemos acreditar na gente, no potencial próprio de cada um, estar disposto a crescer, evoluir cada dia mais.”



Silvia Neuvaid

Valorizando cada conquista

Ela incentiva a quem quer ingressar na carreira. “De passo em passo, valorizando cada conquista, estar sempre aberta ao crescimento, de ter gosto (vocação), mas também tem de saber olhar os pontos fortes e os pontos onde precisa melhorar, investir mais, ser moldável e vencer as etapas do tempo”, aconselha.

Camilla finaliza, “Devemos acreditar na gente, no potencial próprio de cada um, estar disposto a crescer, evoluir cada dia mais e principalmente ter objetivos na vida e buscá-los e ser mais atuante, encontrando formas de poder ajudar outras pessoas, formas de ajudar a sociedade na qual está inserida ou seja, ser participativo”.

Deputado Estadual
ERNANI POLO
PARABÉNS, COLONO
E MOTORISTA!

Obrigado por
produzir e levar
o alimento a
todo o país.

VIDA SIMPLES



Silvia Neuwald

Um colono raiz no interior de Pantano

Micowski mora a 34 quilômetros do Centro da cidade, no Passo do Canto

Em um sítio de oito hectares, a cerca de 17 quilômetros da localidade de Monte Castelo, já nas margens da RSC-471, mora um senhor que tem uma história de vida no campo. Às vezes, “quando dá de jeito” como ele diz, vai passear na localidade ou então em Pantano Grande, já na cidade, onde tem mais 17 quilômetros pela frente para chegar na área urbana. Mora sozinho, cuida do sítio com amor e paixão, onde tem animais, planta, arruma cerca, cuida das vacas, dos porcos e das galinhas e tem um açude pequeno, onde está iniciando

a criação de peixes. Um colono raiz, como se diz.

Albino Izidoro Micowski com 78 anos se sente muito feliz onde mora. Próximo a sede da “chacrinha” como ele chama, umas poucas casas no lugarejo conhecido como Passo do Canto, onde ele conhece todos os vizinhos. “Agora tenho mais lidado com os animais, antes tinha lavouras de arroz” nos disse ele ao responder a nossa primeira pergunta de como era a rotina dele. “Cheguei aqui com 5 anos com meus pais que adquiriram parte desta propriedade e eu depois de

adulto, trabalhando, comprei mais uns pedaços de terra e juntei tudo”. Natural de Dom Feliciano, de descendência polonesa, seu Micowski, como é chamado, nos recebeu com uma alegria e simpatia contagiante. De pés descalços, numa tarde de temperatura amena deste inverno, interrompemos a atividade dele numa cerca, para nos dar uma entrevista neste caderno especial que homenageia ele, o colono legítimo, que acorda cedo todos os dias, quase ao cantar do galo e começa a lida e só para no fim do dia depois que o sol se põe.

A paz do Passo do Canto

“Meus pais e meus avós foram assim como eu, colonos e eu peguei essa lida desde criança, desde guri, porque naquele tempo criança também ajudava na lavoura, na criação”. E a cidade? Nunca quis ir morar na cidade? “Não! Gosto muito daqui. Este lugar sempre me fez bem e continua fazendo”, responde com um largo sorriso atestando a sinceridade na resposta.

Uma casinha simples de madeira, luz elétrica, com pouco luxo ou quase nada, mas com TV e rádio, ele passa seus dias neste recanto da natureza de muito verde, belas paisagens, árvores de sombra e frutíferas, um pequeno galpão onde guarda o material de trabalho e onde tem um tratorzinho pequeno, que usa para lavrar a terra e preparar para o plantio de sua subsistência. “Moro sozinho e Deus, porque nas mãos de Deus a gente se sente seguro”, diz ele na simplicidade, mas demonstrando muita fé no Criador que lhe deu esta vida saudável em meio ao verde do campo.

“Antes quando eu plantava arroz era tudo na base da pá, uma junta de bois arando a terra e muito trabalho braçal e judiado, mas valia a pena. Hoje tenho este tratorzinho que me ajuda no plantio de pastagens além da Patrulha Agrícola da Prefeitura. Plantio para meus animais, pois os animaizinhos têm que se alimentar. Assim é a minha vida aqui.”

“Vocês são da rádio Rio Pardo?”, perguntou ele à nossa reportagem. Respondermos que sim e ele disse que nos ouve. De pronto, através do WhatsApp enviamos uma mensagem ao Juliano Moraes

que estava no ar no momento, pedindo para mandar um alô para ele. Sintonizamos bem o dial da 103,5 FM e qual foi a nossa alegria e a surpresa dele ouvindo seu nome na rádio que ele é ouvinte fiel, ficou muito feliz e rindo muito.

De pouco estudo, mal assina o nome, mas sempre atuante na defesa do campo. Participou de mobilizações de trabalhadores rurais tanto em Porto Alegre, como em Brasília, em defesa da classe dos colonos e agricultores principalmente no quesito da aposentadoria rural de homens e mulheres. Curiosos, perguntamos a ele se sempre andava de pé no chão: “me acostumei assim e até no inverno eu ando. Só ponho calçado quando vou à cidade. Claro, que agora, envelhecendo, andou aparecendo umas doenças, mas eu estou tomando remédio e me sentindo bem, mas a doença é da idade e não de andar de pé no chão”, justificou entre um sorriso e uma gargalhada.

A esposa, os filhos e os netos de Micowski moram na cidade e o visitam no “rancho”, como ele se refere onde mora. “Quando eles vêm, eu aproveito para matar a saudade deles, de todos, principalmente meus netos que adoram este lugar.”

E Micowski ainda faz planos de ter mais hectares para ter mais espaço e aumentar a criação e a plantação. “Mas o senhor vai ter fôlego para cuidar de mais terras?” perguntamos, e ele respondeu “Claro que tenho, estou bem e tenho muita disposição para cuidar. Quem mora assim como eu, não pode ter preguiça. Faz bem ver tudo ajeitadinho.”

NF
TECH
PANTANOGRANDE
51 99864-3731

ACEITAMOS
O SEU USADO
NA TROCA!

PARCELAMOS
EM ATÉ 21X NO
NO CARTÃO DE
CRÉDITO

ANTECIPAMOS
O SEU FGTS
consultamos para mais informações



**SUPER
PROMOÇÃO**
IPHONE 11
R\$2399,00





Aos Colonos e Motoristas, nosso abraço pelo seu dia!
Agradecemos imensamente por sermos ferramenta
neste trabalho tão importante para economia do país!

Agora também em
PANTANO GRANDE
Rua Olavo Bilac, 126

CFC - RIO PARDO
Centro de Formação de Condutores

Rua Andrade Neves, 854 - Centro
Rio Pardo/RS | 51 3731 1981
51 99509 8878 | 51 3731 4277

MEG ERVAS

DESINTOXICA E LIMPA O ORGANISMO;
ELIMINA TOXINAS COMO:
CORANTES, CONSERVANTES, METAIS PESADOS E
AGROTÓXICOS DOS ALIMENTOS.
MELHORA A DIGESTÃO DOS ALIMENTOS.

AUXILIA NO COMBATE
A GORDURA NO FÍGADO

NAS MELHORES FARMÁCIAS
E LOJAS NATURAIS DO RS.



MELHOR DESINTOXICANTE NATURAL DO BRASIL

SUPLEMENTO VITAMÍNICO MINERAL

ZERO AÇUCAR (IDEAL PARA DIABÉTICOS)



Rhiaton
De A a Zinco

MEMÓRIA
FRACA

FALTA DE
ENERGIA

ANEMIA

IMPOTÊNCIA
SEXUAL

OSSOS
FRACOS

CANSAÇO
FÍSICO E
MENTAL

INSÔNIA



Cooperação que impulsiona o progresso.



Aos colonos que cultivam a vida e aos motoristas que desbravam horizontes, nossa admiração e gratidão por seu trabalho incansável e essencial.



Feliz Dia do Colono
e Motorista.

25 de julho - Dia do Colono e Motorista



CRESOL



Sílvia Neuwald

NA BOLEIA

Albertinho: caminhoneiro e maratonista

73 anos de vida e 53 anos dirigindo pelas estradas do Rio Grande

José Alberto Oliveira Santos, conhecido dentre os amigos caminhoneiros, boleiros do futebol amador pantanense e maratonista, como Albertinho. Ele tem 73 anos e está na profissão desde 1970, conhecido entre os moradores de Pantano Grande, como o mais antigo profissional do Município no volante. Ele iniciou na profissão em um caminhão Ford 46, trabalhando na extinta firma de extração de caulim Olivério Ribeiro, na Vila Gonçalves dos Pedregais. “Era um caixa-seca”, disse ele, informando de como era difícil dirigir e manobrar um caminhão deste ano de fabricação onde tinha de ser ágil na troca das marchas e sem direção hidráulica.

Albertinho está até hoje na profissão atendendo a municípios entre a Região Metropolitana de Porto Alegre, Centro e a Zona Sul do Estado. “Em 72 comecei a viajar na estrada. Antes, com o Ford 46 só carregava caulim das minas para a fábrica, mas

dentro da área da empresa do Olivério. Minha primeira viagem fora foi em um caminhão NV Motor Perkins, também uma ‘caixa-seca’, foi puxando a produção calcária ensacado da Unical para Camaquã. Dali para cá, nunca mais parei”, ressalta Albertinho.

Todo o caminhoneiro tem muitas histórias para contar. Das inúmeras e incontáveis viagens como este motorista ainda faz. Albertinho conta uma delas, onde estava com o caminhão em uma das cidades aqui no Estado e havia caído um bueiro na lavoura. Ele ficou três dias junto com mais três companheiros de estrada. Não tinha como passar enquanto não fosse arrumado ou que fosse improvisada uma travessia segura. “Ficamos no caminhão e para matar a fome, passamos três dias comendo aipim e feijão mexido”. Além disso, passaram pelo drama da preocupação com a família, naquele tempo era solteiro e morava com os pais, onde não tinham como se comuni-

car com os familiares. Óbvio que a família desses três companheiros de estrada pensou em tudo e até mesmo em acidente no trecho. Mas, quando ele conseguiu regressar para casa, Albertinho disse que se emocionou com a recepção dos pais ao vê-lo chegar são e salvo.

“São muitos anos de estrada, e viajo por tudo. Hoje tenho meu caminhão, transporte argila e tijolo refratário para uma empresa de Campo Bom. Estou quase sempre na estrada. Faço entrega em 50 cidades aqui no Rio Grande do Sul. Quanto à segurança na estrada, a gente se cuida, porque da década de 70 para cá, o País se desenvolveu, tem muitos veículos nas estradas e tem que andar atento. Na década de 70 eu sabia quais amigos estavam na estrada quando a gente passava um pelo outro, hoje é diferente. Antes a gente se encontrava num posto de combustível, almoçava ou tomava café juntos. Hoje é de vez em quando e ao acaso.”, relata ele.

E o esporte?

“Bom, muita gente sabe que sou vermelho e branco, sou Monte Castelo. Joguei muitos anos ali, no Esperança da Vila Gonçalves, no Volta Grande, mas com o tempo larguei o futebol e hoje sou maratonista. Tenho várias medalhas de participação, algumas de premiação por ter chegado dentre os primeiros e gosto muito de correr. Por conta da idade, hoje participo de maratonas de cinco quilômetros, principalmente em Porto Alegre, onde participei até de uma maratona do Internacional, que é o meu clube de coração, mas já fiz percursos maiores e só para ilustrar a história no maratonismo, numa dessas corridas em distância cheguei em quadragésimo primeiro lugar, mas os corredores eram tarimbados e um deles, um queniano que largou ao meu lado na mara-

tona chegou em quarto lugar” disse rindo muito e exibindo as medalhas conquistadas, dentre elas a medalha da maratona realizado pelo Inter, o time do seu coração.

Albertinho é uma pessoa muito benquista em Pantano Grande, a maioria o conhece. Ou do futebol pelos campos de várzea, também como caminhoneiro, e outros como maratonista e até mesmo de participação política no Município como filiado a uma das siglas partidárias, mas nunca concorreu e pelo jeito nem pensa nessa possibilidade, porque na reportagem deu para notar que a paixão dele mesmo é ser motorista de caminhão. Casado e com três filhas, a esposa às vezes o acompanha nas viagens. “Todas bem encaminhadas na vida” se referindo à vida profissional delas.



“Tenho várias medalhas de participação, algumas de premiação por ter chegado dentre os primeiros e gosto muito de correr.”



AS MÃOS QUE CONSTROEM NOSSO MUNICÍPIO

- 25 de julho -

Dia do
**COLONO e
MOTORISTA**

@ /pantanors
www.pantanogrande.rs.gov.br



PANTANO GRANDE



Silvia Neuwald

Quase meio século dedicado à aviação agrícola

Um voo solo de empreendedorismo, em 1976, foi o primeiro passo para a história da Niitz Aviação Agrícola

Do aeroclube de Rio Pardo para Pantano Grande, que ainda era um distrito, Vitor Hugo Niitz e o sócio Valdomiro Schramm, resolveram empreender e abrir a própria empresa. A experiência e o conhecimento adquirido na profissão de piloto possibilitaram a criação de uma empresa de aviação agrícola que nasceu da ousadia de investir neste ramo. Esta nova empresa então foi adquirindo credibilidade ao longo dos anos em que ajudou a melhorar a produção nas lavouras através do serviço de pulverização aérea, atividade que permanece até hoje. Em 1976 nascia a Niitz Aviação Agrícola. Antes, Vitor, de 80 anos, trabalhava em uma empresa do mesmo ramo na Cidade Histórica. Hoje, ele não pilota mais, mas segue por perto e, sempre que pode, dá uma voltinha para matar a saudade.

“Sempre que venho aqui, tenho de dar uma voltinha. Me faz bem”, fala sorrindo.

“Iniciei minha atividade profissional com 23 anos, já tinha o brevê de piloto agrícola para o exercício da atividade. Eu fiz o curso em Pelotas. Comecei num avião de pequeno porte, primórdio da aviação agrícola e depois passei a pilotar um mais pesado, biplano e muito conceituado pelos americanos, porque era muito seguro”, conta, acrescentando que, “a forma de voar era ‘rasante’ principalmente na hora de despejar o adubo nas lavouras em forma de cobertura ou em tratamento líquido de herbicida e pesticida principalmente quando tinha lagarta (uma das pragas das lavouras) e este avião era muito disputado, porque a maioria dos pilotos o queria para o trabalho”, se referindo ao aspecto da segurança e a pro-

atividade.

Niitz sempre quis ser aviador, ele conta que todo o conceito da aviação o atraía, o fascinava. “Desde que eu fiz o aeroclube, a gente se envolvia em tudo. Motor, telagem, estruturas”. Ele jamais teve medo de voar, porque ele mesmo mexia no avião que pilotava e já dominava o conhecimento. “Atribuo a ausência do medo exatamente por causa disso, do conhecimento que eu tinha e nunca tive receio, sabia e conhecia a aeronave”, ressaltou. Atualmente, os aviões da Niitz têm uma autonomia de voo em torno de 900 quilômetros. O piloto experiente conta que, certa vez, foi fazer um serviço em Brotas (SP) e chegaram a cruzar os céus do Sul e Sudeste do Brasil em voo direto, levando cinco horas e meia para chegar ao destino e não houve a necessidade de abastecer.

45 safras de voo

Valdomiro Schramm é o outro sócio fundador da empresa. “Meu pai sempre foi ligado à agricultura, plantava arroz e eu cresci no campo. Eu e o meu irmão mais velho por dois anos plantamos e depois, resolvi entrar na aviação agrícola. Tive o curso de piloto-privado, que é o básico, e dali fui em frente. Hoje eu tenho 45 safras de voo. Comecei a voar em 1978, fiz o curso em Sorocaba, através do governo federal que dava o curso gratuito com propósito de formar profissionais desse tipo de aviação, visando acelerar o plantio, manutenção e a colheita da produção nas lavouras.

Hoje aposentado, com 70 anos, e suporte do novo sócio, que toma conta da parte comercial, operacional e logística da empresa, se permite a ter uma vida mais tranquila. O novo sócio é Batista Longaray, natural de Camaquã, região Sul do Estado, ingressou na Niitz em 1997, como técnico agrícola e com um contrato para apenas uma safra. O contrato durou “um pouco mais” e lá se vão 25 anos. “Dentro da empresa fui exercendo várias funções, sempre gostando de desafios. E, sempre com o aval dos sócios fundadores, fomos ampliando os negócios, até

que em um certo momento, fui convidado para ingressar na sociedade.”

Batista conta como a aviação agrícola é indispensável para os agricultores. “Essa ferramenta que o avião agrícola traz para o agricultor na nossa região, em alguns momentos, se torna indispensável principalmente porque trabalhamos com áreas alagadas, como o arroz, e tem certos tipos de trabalho que você não consegue fazer com trator.” Ele ainda completa, “a grande vantagem que se tem hoje através do avião agrícola é a rapidez na resolução do problema”, se referindo a exemplos de focos de doença como praga ou doença fúngica, que com o avião agrícola é possível fazer o combate a esses invasores indesejáveis nas lavouras. Mesmo que seja em uma grande área, no melhor horário e em questão de um curto espaço de tempo, e tudo isso com um bom custo-benefício para quem contrata. Um investimento, que mesmo não sendo barato, vale a pena, porque se paga com o benefício e a satisfação de colher uma safra segura e de alta qualidade. Longaray também é um dos pilotos da empresa, que cruza seguidamente os céus do Vale do Rio Pardo.

A Niitz possui um corpo técnico qualificado para atender as regiões que abrange com suas oito aeronaves agrícolas, atendendo produtores do Vale do Rio Pardo, Região Carbonífera, próximo à grande Porto Alegre e parte da Costa Doce gaúcha.



NIITZ
AVIAÇÃO AGRÍCOLA LTDA.

Há 38 anos trabalhando na proteção das lavouras e auxiliando na produção de alimentos na região.

☎ 51 99807.5584 | 51 98124.7607 ✉ contato@nitzaviacaoagricola.com.br 📍 Rod BR 471, Km 191, sn - B. Boa Vista - Pantano Grande/RS-96690-000

PASSO DA AREIA



Fotos: Cléber Nascimento

Igreja e Pavilhão de São Pedro na localidade do Passo da Areia

Leite, melancia e muitas histórias

Para a economia local essa mistura só faz bem. E rende muitos causos



“O santo está na frente da minha casa é meu amigo”
(Pedro Barros)

Elá vamos nós seguindo pela ERS-403 em direção ao 2º Distrito de Rio Pardo. Cerca de um quilômetro depois passamos a percorrer as muitas estradas de chão da localidade.

Entre as nossas pautas a plantação de melancias no Passo da Areia é uma delas. Para tanto vamos até a propriedade do senhor Moacir Silveira da Rosa, de 51 anos. As árvores frutíferas são um convite e sim, comemos algumas bergamotas antes do bate-papo. Até ganharmos algumas para levar embora.

Mas voltando ao trabalho, começamos a ouvir as histó-

rias do seu Moacir. Ele começa contando que desde cedo trabalhava com o pai e o avô. “Meu pai ia a Venâncio Aires vender de carreta puxada a boi. Depois evoluiu e veio as carroças de quatro rodas”.

Com 14 anos Moacir seguia com o avô para Rio Pardo de carroça, onde traziam batata doce, aipim e melancia, vendidos pelos bairros Higino Leitão e Vila Nova. Depois era hora do lanche comprado na antiga venda do seu Nenê. “Meu vô comprava dois gomos de linguiça, pão e guaraná”. Como não tinha muitas casas na volta, comiam por ali mesmo, próximo a estação de

trem. “Meu vô fazia um fogo e esquentava a linguiça e a gente comia com pão e bebia o guaraná”. Depois Moacir via pouco da viagem de volta. “Passava a ponte e eu dormia. Acordava já em casa”, lembra.

Contando para a gente a sua história de forma tão natural nem podemos perceber uma característica sua, e que já rendeu uma situação engraçada. “Eu sou tímido, sempre fui. Quando eu ia a Rio Pardo e ficava esperando o meu vô e tinha uns guris que ofereciam comida. Eu não pegava de vergonha”, lembra aos risos.

Como tinha gosto pelo

trabalho desistiu de estudar. Seu pai o incentivou. Eram outros tempos e o trabalho era manual, não tinha trator. “Depois a gente juntou um dinheiro, o pai tinha comércio, e a gente comprou o primeiro caminhão”, recorda.

Atualmente o produtor planta melancia e soja, além de ter algumas cabeças de gado. Moacir é casado com a Marli e tem três filhas: Marciele, Marciane e Marcine. Todas criadas com seu trabalho. Mas afinal qual o segredo? “Eu acho que é ter o dom. Não dá para desistir com as dificuldades. Nenhum ano é igual ao outro”, ensina.

Parabéns Colono e Motorista, valorosos profissionais, que, com garra, coragem e determinação fazem o melhor por esta Nação.



MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS
FERRAGENS
RAÇÕES EM GERAL
TRANSPORTES
MERCADO
MILHO
ARTIGOS EM GERAL



O plantio e a colheita da melancia

No dia a dia um funcionário ajuda na lida. Em épocas específicas recebe ajuda de outros trabalhadores. Por exemplo, quando chega a época de plantar melancia. “A gente define a área, prepara a terra, cuida da muda na estufa. Depois começa o plantio”,

A fruta começa a ser plantada em agosto. “Eu planto a mão para não judiar da raiz”, ensina Moacir. São ao todo três ciclos de plantio. Em dezembro começa a colheita que, dependendo do clima, vai até março. Nesse período a estimativa é colher entre 25 e 30 toneladas. “Quando ela está pronta tem que tirar senão tu perde ela”, esclarece.

A entrega hoje é bem diferente do tempo em que era garoto. “Hoje é com caminhão. Eu faço mercados de Santa Cruz, Vera Cruz e Rio Pardo”, conta. Outra curiosidade é que, muitos dos donos desses mercados, são conhecidos desde criança. “Vendo

para o pessoal que se criou comigo. São os filhos de donos de mercado que cresceram. A gente cria um vínculo e conversa como se fosse gente de casa”.

Outro ensinamento que o seu Moacir nos passa é que não é aconselhável plantar melancias na mesma terra por períodos prolongados. “Sempre tem que trocar de terra. Fica fungo no solo e pode ter doença”. Alguns plantadores deixam criar grama, outros fazem pastagens. É possível aproveitar a terra e o adubo que tem nela com outra cultura. Depois de alguns anos dá para plantar de novo melancias no local.

Todo o zelo pela terra especialmente pelo cultivo das melancias lhe garante uma freguesia em um ponto de vendas em Santa Cruz do Sul. Moacir recorda que a filha mais nova logo que nasceu já foi levada para a barraca. “A última filha nasceu no Hospi-

tal Santa Cruz. A gente tem uma barraquinha lá. A gente saiu do hospital e passamos na barraquinha para mostrar para o funcionário. Ela saiu do hospital e já passou na barraca”, lembra rindo.

O papo com Moacir Silveira da Rosa já estava chegando ao fim quando uma questão surgiu: onde conseguir uma foto para ilustrar a matéria já que não é época de melancias? A saída foi fazer o registro com a fruta usada para doces. Mas é claro que o leitor mais atento ia perceber, por isso ele fez questão de explicar a diferença dessa melancia para a convencional. “Ela é um pouco diferente. A massa dá para cozinhar e fazer doce”. O ciclo também é mais longo e assim ela dura mais tempo. “Não passa do tempo. Ela fica meses e meses no campo”, finaliza.

Resolvido o problema da foto é hora de seguir nossas andanças pelo Passo da Areia.



Moacir Silveira da Rosa planta melancias no Passo da Areia

Com as bênçãos do padroeiro

Passamos em frente ao Pavilhão e à Igreja São Pedro. Em frente fica o mini mercado São Pedro, do seu Pedro, é claro. Aos 62 anos, Pedro Pereira de Barros chegou a ir morar para trabalhar como servente de obras em Porto Alegre. Mas acabou voltando e vive no Passo da Areia há 42 anos.

Seu pai comprou o mercado e iniciou o comércio que é o sustento de Pedro até hoje. “Tem que ter vontade de trabalhar. Tem épocas boas, épocas ruins”, ensina. Além do mercado, ele tinha outro negócio. “Eu tinha um bar, mas

parei por causa das brigas. Dava muita zueira. Mas ganchei dinheiro”, frisa.

Casado, seu Pedro diz que deu faculdade para os filhos só com o seu trabalho”. Porém já pensa em parar. “A gente vai se desgastando. Eu não vi meus filhos crescerem. Cuidava aqui e do bar. Hoje eu estou aposentado, a mulher também. Então não tem muito estresse”.

Em uma época onde não tinha muitas casas no Passo da Areia, teve início o mercado São Pedro. No início Pedro tinha uma bicicleta. Depois co-

meçou a percorrer outras localidades do interior de caminhão levando as mercadorias direto nas casas das pessoas. Uma “tradição” mantida até os dias atuais. Hoje seu sobrinho o ajuda com as vendas no caminhão. “Tem praça cinco dias na semana. A gente bota a mercadoria ali e vai. O freguês já está acostumado. O pessoal pega o que precisa”. Os fregueses são antigos e alguns ainda conseguem comprar “no caderno”. Mas seu Pedro faz uma observação. “Só os fregueses antigos compram para pagar depois”.



A mais de quatro décadas Pedro de Barros tem o mercado São Pedro

R K S
A D V O G A D O

Dr. Renan Klein Soares
OABRS 70.712

Rua Almirante Alexandrino, 834 - Centro - Rio Pardo/RS 51 3731.3485 51 99654.6082

25 de Julho

Dia do Colono e Motorista

“Que São Cristóvão padroeiro dos motoristas e dos agricultores, abençoe e proteja essas duas categorias tão importantes que movem nossa terra.”

PARABÉNS AOS COLONOS E MOTORISTAS PELO SEU DIA!

Marcielle Rosa
VEREADORA



Lauro Nunes da Silva é presidente da Comunidade São Pedro e se orgulha do trabalho de reforma no pavilhão e na Igreja



“Se não tem união não consegue.”
(Lauro Nunes)

Comunidade de São Pedro

Os festejos em homenagem ao santo, são tradicionais no Passo da Areia. Pedro faz questão de ajudar sempre com os convites para a festa. “O santo está na frente da minha casa é meu amigo”, diz com bom humor.

Durante algum tempo outra festa agitava a localidade: a festa junina com fogueira e tudo. Seu Pedro tem uma opinião sobre o motivo de ter acabado esse evento. “Hoje tem que ter gente para fazer né? O povo vai saindo e os mais novos não querem se envolver”.

A comunidade São Pedro é presidida por Lauro Nunes da Silva, de 71 anos. Ele diz que trabalha ali há anos e perdeu as contas do tempo que é presidente. “A gente sempre faz uma integração com a comunidade. Se não tem união, não consegue”, ensina.

Lauro é natural de Candelária e foi morar no Passo da Areia em 1981, quando foi trabalhar em uma empresa que prestava serviço para a ferrovia. Casou, teve três filhos e ficou.

O presidente conta que a diretoria é composta por cerca de 15 pessoas. “Uns parti-

cipam mais, outros menos”, pontua. Todas as festas promovidas pela comunidade São Pedro têm a renda revertida para melhorias do salão e da igreja. “Eram dois ‘pavilhão’. Tinha um repartimento no meio, era de telha e tava velho. Mas aí nós arrumamos”.

Certa vez, quando viu que a igreja precisava de reparos, não teve dúvida em chamar o padre para lhe fazer uma pergunta. “Chamei o padre e disse: o senhor não deve pecado? Ele respondeu que não. Aí eu disse: ‘então entra aí’”.

Com eventos e parcerias os reparos foram feitos. Seu Lauro tem orgulho do trabalho. “Feito tá. Agora é só conservar”. Na Igreja tem missas todos os meses, mas casamentos não têm tanto. “Antes dava muito casamento, festa. Agora não tem mais”.

Mas, e a festa junina da comunidade? Por enquanto, seu Lauro não sabe dizer quando haverá novamente, mas lembra do sucesso que era. “Tinha pipoca, pinhão, barraquinhas. Aparecia uns gaiteiros lá para tocar”. E claro a grande atração. “A atração era a fogueira”, finaliza o presidente da comunidade São Pedro.

Lá se foi o Tio Bilinha galopando estrada fora

No seu cavalo tostado riscando ele de espora, Abrelino Pereira de Barros, foi visitar um amigo e o convite foi na hora. Reuniram outros amigos, saíram todos felizes cavalcando estrada fora.

Os versos são da canção em homenagem a Tio Bilinha, feita pelo seu filho, o saudoso Carlinhos, músico conhecido de Rio Pardo falecido em 2017. A música é lembrada por seu Abrelino, ou melhor, Tio Bilinha, pois retrata a criação do PTG que leva seu nome.

Tio Bilinha não foi à escola, ou corrigindo, foi por um mês antes de começar a trabalhar na lavoura. Ele explica o porquê. “Naquele tempo que eu era ‘gurizote’ não precisava aprender a ler. Os pais tiravam e ensinavam a plantar para comer”. Hoje não sabe ler nem escrever, mas contas ele sabe e muito bem. “Se tiver um boi para

vender eu já sei o preço”, frisa.

Como no dia 20 de setembro uma data bem marcada, Tio Bilinha resolveu fazer uma cavalgada e criar um PTG. A primeira a saber foi sua mulher. “Eu disse Marina, eu vou fazer uma cavalgada no dia 20 de setembro”. Para isso, no entanto, precisava de ajuda. Tinha que arrumar bandeira, faixas e companheiros para ajudar. Após a negativa de alguns conseguiu, e saíram estrada fora numa marcha bem largada.

Faltava o nome do PTG. “Cada um dizia um nome até que eu disse assim: ‘vamos botar PTG do Tio Bilinha’”, relembra o patrono.

Aos poucos foi aumentando. Era carreta e carroça e o desfile assim seguia, como diz a música, “uma sanfona chorando e lá na frente o Tio Bilinha”. Falando em sanfona, por mais de

uma vez o sorridente senhor lembra do filho. “O Carlinhos era bom de gaita”, recorda com tom saudosista na voz.

Os jovens se influenciaram, Tio Bilinha ganhou o terreno e construiu o salão sede do PTG. Hoje, aos 87 anos, nem cogita viajar para buscar a chama crioula. “Viajar sete, ou oito dias no lombo do cavalo não é fácil. Eu espero ali com a turma”.

Tio Bilinha não viaja mais no 20 de setembro. Também não toca sanfona como o filho tocava. Mas versos faz. E fez alguns durante nossa conversa. Simpático, inquieto e alegre. Assim é Abrelino Pereira de Barros, o Tio Bilinha.

E quem quiser saber mais, como ele mesmo diz, “ouve a música”. Ou procure pelo Tio Bilinha no Passo da Areia. Certamente ele vai gostar de cantar alguns versos.



Tio Bilinha e a esposa Marina. O dono do famoso PTG relembra do filho e a música que conta sua história

Associação dos Produtores de Leite

As famosas carrocinhas percorriam a cidade de Rio Pardo fazendo a entrega do leite pelas casas dos clientes. O produto era armazenado em tarros, e distribuído pelas residências. Carlindo Silveira Reis era um dos inúmeros carroceiros que faziam esse trabalho, exercendo durante cerca de 15 anos. No início as pessoas gostavam, mas depois as coisas foram mudando. “Era mais difícil. O pessoal já não queria mais o leite in natura. Diziam que fazia mal”, lamenta.

Como plantava também, seu Carlindo deixava o trabalho de ordenha para os filhos. “Botava a gurizada no serviço”, se diverte lembrando. Entre eles estava Fabiano Reis que conta como era nesse tempo. “Conforme ia crescendo era ‘promovido’. Com 13 anos já podia ir para cidade”, diz aos risos.

Com o tempo as coisas foram piorando e a partir da proibição da entrega de leite nas carrocinhas, houve um movimento para ajudar os produtores. Seu Carlindo conta que a ideia da cooperativa rendeu muitos debates. “No início foi uma dificuldade. Reunião todo dia até começar a construção”.

O produtor Paulo Haas, já falecido, foi o mentor do projeto e cerca de 40 produtores participaram dos primeiros

encontros, ainda em 1995. Várias visitas foram feitas em outras associações, até que no ano de 1997 finalmente aconteceu a inauguração da Apromilk. Dos produtores de leite que participaram das primeiras reuniões, cerca de 21 eram sócios quando a empresa começou a funcionar.

Porque houve tanta desistência? “Por causa de valores, outros não apostaram na ideia. Não sei ao certo, mas é questão financeira”, teoriza Vilson Barros, um dos sócios hoje. O custo era dividido entre os associados.

Fabiano Reis conta que muitos faziam “chacota dizendo que seria gasto dinheiro sem precisão”. Todos os custos eram divididos entre os associados e tinha um porém. “Saía e não levava nada. Desistiu, perdeu o que gastou”, explica. A Prefeitura ajudou em troca de leite que seria entregue para as escolas.

Assim, aos poucos, a Apromilk foi conquistando o seu espaço. Importante dizer também todo rebanho dos produtores passavam por exames. Isso ajudou a aumentar as vendas para comércios. A regra era simples: o produtor levava um número “x” de litros para a indústria, que entregava o valor correspondente do produto já pasteurizado e embalado.



Carlindo, Fabiano, Carine, Jaqueline e Vilson: mesmo com tantas dificuldades a Apromilk se mantém forte no mercado de laticínios

Apromilk hoje

Vilson e Fabiano entram na cooperativa como empregados, mas hoje juntamente com Jaqueline Linhares, esposa de Vilson, são os três sócios que levam a Apromilk adiante. Claro, sem esquecer os 17 sócios produtores que fornecem o leite.

As coisas nunca foram fáceis para eles. Em um desses momentos de maior dificuldade um caso de repercussão nacional os ajudou a aumentar as vendas: o caso do “leite compensado”. “Teve uma época em que o pessoal optou pelo leite em caixinha. Mas a adulteração no leite fez o povo mudar. As vendas au-

mentaram”, lembra Fabiano. “Ali, a gente dobrou as vendas. O pessoal passou a comprar mais da gente”, conclui.

O leite abastece as escolas da rede municipal de ensino. A bebida láctea começou a ser produzida em 2012 e o sorvete em 2016. “Como o leite sobra no verão devido às férias, começou a produção de sorvete e picolé para aproveitar”, explica Jaqueline. Houve a tentativa de produzir queijos, mas a concorrência levou os sócios a desistir.

Fabiano e Vilson tocam a cooperativa e fazem as entregas. Jaqueline cuida de um mini mercado localizado em

frente à indústria. Aos poucos o maquinário foi sendo trocado e hoje quem cuida da produção é Carine Rodrigues Reis, única funcionária da Apromilk.

A pandemia também foi outra grande dificuldade enfrentada por eles. “Hoje a gente vende 70% do que vendia antes da pandemia”, explica Vilson concluindo dizendo que é produzido cerca de 10 mil litros por mês. Além disso, teve a morte de um dos grandes produtores da região. “A gente perdeu um produtor grande que foi o Paulo Haas”, lamenta Vilson.

Futuro da Apromilk

Os efeitos da pandemia ainda são sentidos pelos sócios. “A gente acabou dispensando vários produtores que hoje estão vendendo para outras firmas maiores porque a gente não tinha o que fazer. E aí hoje nós pagamos o preço. Tem vários bairros que a gente não atende o comércio porque não tem leite”, explica Vilson Barros.

Além de atender as escolas e o comércio em Rio Pardo, o hábito de entregar leite direto nas residências permanece. “A gente tem muito essa tradição de vender de porta em porta. É inverno e verão é certinho aquela quantidade”, diz Fabiano Reis. “Tem freguês do tempo do meu avô, no tempo do ‘tarrinho’”, lembra.

A aceitação da comunidade, em comparação com as concorrentes de outras

grandes indústrias é considerada boa. “O pensamento do pessoal de Rio Pardo mudou muito. Hoje a gente é bem aceito”, comemora Vilson.

Há a certeza, no entanto, que não tem como concorrer com outras empresas em questão de preço. Mas em um detalhe muito importante o leite da Apromilk leva vantagem, pois não usa conservantes. Fabiano recorda da fala de um cliente. “Tem um senhor que disse: ‘eu sem a Apromilk não vivo. Eu não posso consumir produtos com conservantes’”.

Para manter a qualidade e o nome da cooperativa, em alguns casos Fabiano conta que deixa de vender se o balcão do mercado for ruim. “Queima o nome da gente. Tu deixa um produto legal, o balcão não é refrigerado o produto

estraga”.

Por muitas vezes os três já pensaram em parar. Com a produção de leite e ficar só com os derivados: iogurte, sorvete, queijo e até doce de leite. Fabiano diz que não há uma renovação nos clientes. “Acho que a minha clientela tem uns dois ou três com menos de 50 anos”.

Fabiano entrega em 54 casas, e Vilson em 122. Precisam de alguns incentivos do governo para manter a cooperativa. A incerteza quanto ao futuro segue, mas segundo eles mesmo dizem, por diversas vezes já pensaram que teriam que parar. Entre incertezas e conquistas seguem, juntamente com a Jaqueline, a funcionária Carine, e todos os produtores de leite, levando um produto de qualidade à população rio-pardense.



**“A gente tem muito essa tradição de vender de porta em porta. É inverno e verão é certinho aquela quantidade.”
(Fabiano Reis)**





Fotos: Cléber Nascimento

Roberto Paim é uma referência quando se fala em banda marcial. Hoje ele está junto com a banda da Escola Biágio Tarantino

TRADIÇÃO

Rio Pardo das bandas marciais

Ano após ano a tradição se mantém através de música, dança e disciplina

Você conhece alguém que já fez parte de uma banda marcial? Um irmão, primo, tio ou sobrinho? Um vizinho que seja? Talvez até mesmo você já tenha participado. Ao longo dos anos muitos jovens já se envolveram com essa atividade ajudando a fazer desta mais uma tradição da Cidade Histórica.

A frase da secretária de Turismo e Cultura de Rio Pardo, Rosi Paim, ilustra bem isso. “Uma vez que ‘tu’ é componente de uma banda pode estar em qualquer lugar do mundo se ouviu um ‘tum’ vai começar a procurar onde é que é esse barulho. É impressionante. Isso é um mistério que a gente não consegue explicar”. Rosi tem envolvi-

mento com bandas marciais há anos juntamente com o marido Roberto Paim.

A história do casal se confunde com a tradição no Município. Afinal Roberto explica que são 44 anos de estrada. “É uma trajetória né? E desses já são 34 anos como instrutor de bandas”. O começo foi no ano de 1979 na Banda dos Dragões quando o mestre José Luís Paz foi convidado pelo diretor da Escola Ernesto Alves, na época Anísio Muller e a professora Ione Paz, esposa do mestre, que era trompetista da Banda Dois de Ouro da Brigada Militar.

Na época, Paim tinha 14 anos e lembra que ficou lá até 1985, e logo depois a Banda dos Dragões teve as atividades encerradas. Indo morar

em Estrela, Roberto foi convidado para estar à frente da banda do colégio Santo Antônio. “Nunca me passou pela cabeça ser instrutor. Fui componente, aprendi muito, mas como instrutor não tinha essa capacidade”, relembra.

Em 1993 Roberto, a esposa Rosi e a banda vieram desfilar em Rio Pardo. O momento claro, foi de muita emoção. No ano seguinte ele foi transferido para trabalhar na sua cidade, e outro convite apareceu. “Acabei sendo convidado para reativar a banda Granadeiros na época”, lembra. Ficou até 2001 e voltou para os Dragões. Entre idas e vindas acabou se afastando de 2006 até 2015. Quer dizer, se afastou, mas manteve sempre contato. “Eu continuava par-

ticipando ainda nos festivais”, diz lembrando uma participação em uma competição. “Nós fomos a um campeonato mundial de bandas em Bragança Paulista em São Paulo. Uma das coisas mais incríveis que eu já vi”, recorda.

No ano de 2016 voltou novamente para onde tudo começou levando os Dragões a diversas competições e conquistas. Atualmente está à frente da Banda da Escola Biágio Tarantino levando sua experiência para os jovens. “É muita história nesses 44 anos. São centenas de alunos e amigos que até hoje nós temos. Eu tenho alunos de Estrela que até hoje nos visitam, fomos padrinhos de casamento de algum deles”, se orgulha.



“Eu tenho certeza de que a gente vai formar um grupo muito fortalecido com bons músicos, bons componentes, e bons cidadãos.”
(Roberto Paim)

25 DE JULHO
DIA DO COLONO E MOTORISTA

Parabéns!

ALGAYER IMÓVEIS
A imobiliária que mais cresce na região

Rua Andrade Neves 1050, centro de Rio Pardo
Você encontra o trabalho da Algayer Imóveis nas redes sociais, no whatsapp e no site www.algayerimoveis.com.br.

25 de julho é dia do Colono e do Motorista.
Data para homenagear homens e mulheres que produzem e transportam a riqueza do nosso Brasil.

MINI MERCADO BL

Histórias de uma referência em bandas

É possível ter aquele momento inesquecível? Roberto Paim responde. “Não eu não tenho um momento inesquecível. São 44 anos, eu não posso ter um momento inesquecível, tenho vários momentos inesquecíveis”, diz. Embora seja difícil, é possível lembrar de passagens marcantes, como o início da trajetória nos Dragões. “Nós somos os primeiros que vestimos essa farda que existe até hoje, aquela farda histórica”, cita lembrando a icônica vestimenta amarela e azul. Para arrecadar dinheiro algumas promoções eram feitas. “A gente fazia boate e as boates eram ali na escola no salão lá em cima. E se vendia cerveja”, se diverte Roberto ao lembrar.

Ainda é possível lembrar da

banda do colégio Santo Antônio, a primeira como instrutor; os troféus com a Granadeiros, e a vez em que a banda do Colégio Auxiliadora ficou conhecida como “Papa Tudo”. “A banda Granadeiros foi apelidada assim em 98 no Bourbon Shopping em Porto Alegre. Foi o campeonato da Associação Gaúcha de Bandas e nós tiramos o primeiro lugar em tudo. Saímos na contracapa da Zero Hora”, relembra.

Com os Dragões lembra 2005 com o vice brasileiro. “Na cidade de Carazinho. Uma gurizada fantástica, a gente estava muito bem, poderia até ter ganho”. Outros campeonatos vieram, e todos fazem parte da galeria de boas lembranças dessa verdadeira referência e autoridade no assunto.



Caio Andrades, pupilo de Roberto Paim e desde 1995 trabalhando com bandas, está a frente da banda da Escola Fortaleza

A juventude que ajuda a manter a tradição

Muitos educandários de Rio Pardo tiveram bandas ao longo dos anos. Roberto Paim comanda os jovens do Biágio Tarantino, e se orgulha dos aprendizes. “Eles gostam daquilo que eles estão fazendo. Para mim hoje está muito prazeroso e eu tenho certeza de que a gente vai formar um grupo muito fortalecido com bons músicos, bons componentes, e bons cidadãos”.

Quem já foi pupilo de Roberto e hoje segue os seus passos é Carlos Eduardo de Andrades Santos, mais conhecido como Caio. Sua história começou em 1995 através do casal Paim e do grande mestre Chiapa. “Eu comecei na banda da do colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a famosa banda Granadeiros”.

Caio é contador e músico profissional. Tocou em bares, orquestras e na banda do exército. Em 2013 começou a

dar aulas sendo instrutor da Granadeiros, que tentava retornar, e ainda na Banda da Escola Pedro Borba até chegar na mais antiga em atividade. “Comecei a trabalhar com a banda do Fortaleza em 2016 e estou lá até hoje”.

O instrutor tem essa profissão como algo maior. “Essa é uma missão, ensinar essa gurizada o ofício da música. Para mim é um orgulho muito grande, agradeço novamente essas três pessoas na minha vida terem oportunizado esse conhecimento, diz.

Fundada em 7 de outubro de 1952, a banda da escola Fortaleza é uma das três ativas. “Lá a gente tem bastante trabalho. A gente trabalha de segunda a sábado”, explica Caio. Ele recebe ajuda de uma comissão. “A gente ensaia de segunda a sexta os naipes separados e depois a gente junta tudo no sábado

fazendo um ensaio geral”.

O trabalho para manter uma banda marcial é árduo. “Não é somente música. A gente trabalha para manter a banda fazendo promoções, correndo atrás de dinheiro para poder pagar os setores para questão de manutenção de instrumento por questão de manutenção de uniforme, então é muita coisa que tem por trás de tudo isso”.

O primeiro título é seu momento inesquecível. “Acho que sem sombra de dúvida foi quando eu ganhei o meu primeiro campeonato estadual lá em 1998”.

O trio de bandas ativas em Rio Pardo se completa com a escola Rio Pardo, que tem Priscila Paim, filha de Roberto e Rosi, como instrutora do corpo coreográfico. O instrutor da banda é o professor Atanael Alves Barros.

Ele iniciou neste univer-

so em 2004 na banda Marcial Fortaleza onde permaneceu por oito anos. “Após participei da fundação da banda marcial Biágio Soares Tarantino e da extinta Banda Municipal. Em 2015, assumi a banda marcial escola Rio Pardo onde permaneço até hoje”, detalha.

Hoje na escola Rio Pardo trabalha com 50 jovens da comunidade rio-pardense. “Trabalho voluntário, onde ensino teoria e prática musical”, frisa. Atanael cita ainda a tradição das bandas da Cidade Histórica. “Onde passamos no estado as bandas de rio pardo são lembradas”.

Entre seus momentos inesquecíveis, Atanael lembra de um título. “O campeonato estadual de bandas em 2019 onde a banda da escola Rio Pardo sagrou-se campeã em todos os quesitos disputados”.



“Essa é uma missão, ensinar essa gurizada o ofício da música.”

(Caio Andrades)

SORTEIO



Dia dos Pais

Na compra de qualquer produto na óptica e joalheria Oscar Joalheiro, você concorre a um lindo relógio da Condor para presentear seu pai!

ÓCULOS DE GRAU | ÓCULOS DE SOL | JOIAS | SEMIJOIAS
RELÓGIOS | PILHAS | PULSEIRAS | GRAVAÇÕES | CONCERTOS

Rua Andrade Neves, 784 | 513731 5333 | oscarjoalheiro@hotmail.com



Óptica e Joalheria
OSCAR JOALHEIRO
VISÃO DE QUALIDADE



Atanael Barros com as banda da Escola Rio Pardo, está desde 2004 no universo das bandas

Dia municipal das bandas marciais

O Dia Municipal das Bandas Marciais foi instituído através do Projeto de Lei nº 0013/L/2018 do vereador Arlei Fontoura da Fonseca. A data é comemorada no segundo sábado do mês de julho. Para marcar o evento uma grande integração das três bandas ativas aconteceu na Praça da Matriz no dia 8.

Atanael Barros fala sobre esse dia. “Muito importante para incentivar e fortalecer o movimento de bandas que infelizmente vem perdendo forças nos últimos tempos. E

também para o reconhecimento de nossas autoridades. Para que as mesmas possam estar apoiando nossas bandas na cidade”.

Caio Andrades diz que é um momento para chamar a atenção. “O reconhecimento da data municipal é de suma importância principalmente para nossa gestão pública e nossa comunidade para eles verem que existe o projeto para eles verem que dali ainda exala a educação e dali ainda forma cidadãos de bem”.

Para Roberto Paim é um momento de reflexão.

“É muito importante porque é o momento da gente fazer uma reflexão entre nós coordenadores e todos aqueles que se envolvem com a banda. Fazer uma análise daquilo que está sendo trabalhado, onde a gente quer chegar, o que a gente pode fazer para que cada vez mais as nossas bandas sejam reconhecidas”.

E muitos desses cidadãos de bem que passaram pelas bandas de Rio Pardo hoje aplaude os três mestres e todos aqueles que ajudam de alguma forma a manter essa tradição.

As satisfações

Passar o ensinamento a tantos jovens e ver que ali estão se formando pessoas de bem é o objetivo dos mestres. Perguntado sobre sua maior satisfação, Atanael lembra de seus aprendizes. “Minha maior satisfação é ver meus alunos receberem os aplausos do público”.

Caio Andrades também cita seus alunos. “É ver um aluno meu aprendendo o instrumento e ver que dali está se formando um músico. Ver que o meu trabalho está ali naquele jovem, que o meu trabalho está ali dando certo e o melhor de tudo, se quando ele tiver lá na fase adulta dele, se ele for seguir ou não ele se

lembrar disso”.

Roberto Paim diz que tirar os jovens da zona de conforto e ensinar coisas novas é sua maior emoção. “É quando depois de meses de ensaio, de ver essa gurizada praticando, de ver eles abrindo mãos de certas coisas fáceis como estar no celular ou fazendo nada em casa eles saem da zona de conforto deles para aprender a tocar algum instrumento ou para aprender a fazer parte seja em que setor for dentro de uma banda marcial. Seja no pelotão de bandeira, seja no corpo coreográfico, seja no corpo musical é aprender e no final é reconhecido pela comunidade”.



“Onde passamos no estado as bandas de rio pardo são lembradas.”
(Atanael Barros)



O setor primário, que impulsiona nossa economia, está em festa! Parabéns Colonos e Motoristas!



FELIPE PEREIRA
CORRESPONDENTE CAIXA

Cedaior IMÓVEIS
CRECI 12623
Rua Andrade Neves, 386 - Rio Pardo/RS

PLANTÃO:

51 98594 5157

51 98594 5155

51 99543 0180

HÁ MAIS DE

45
anos

realizando
sonhos

RIO PARDO avança com mais investimentos e ações na agricultura

Muito trabalho e ações tem sido desenvolvidas visando facilitar a vida no campo e desenvolver a área agrícola de Rio Pardo. Para o Prefeito Rogério Monteiro, as iniciativas tem sido fundamentais para incentivar e viabilizar a agricultura do município nos últimos dois anos atendendo as demandas dos pequenos e médios produtores.

Em 2023, a agricultura ganhou força com uma secretaria específica voltada ao produtor rural. "Antes tínhamos a Secretaria de Desenvolvimento Rural, agora, com o desmembramento, passamos a ter uma para a Agricultura e outra para o Interior com atenção especial para nossos 2 mil quilômetros de estradas de chão", comenta o Prefeito. Com o novo formato também foi possível estreitar a relação entre o Poder Público e o produtor rural.

DISTRIBUIÇÃO DE CALCÁRIO

De acordo com o Secretário de Agricultura, Diego Bitencourte, somente, neste ano foram distribuídos 1.600 toneladas de calcário de forma gratuita aos produtores, uma média de 15 toneladas por produtor, zerando a fila de espera de pedidos do produto. "O calcário é um elemento que serve para corrigir a acidez do solo e, com isso, trazer diversos outros impactos positivos para os cultivos", explica o secretário.



REDE DE ÁGUA

O município investe na implementação de redes de água nas comunidades do interior. Neste ano, foi entregue à comunidade do Albardão mais um poço artesiano que interligou a rede existente beneficiando 270 famílias. Em breve, será executada a obra de substituição da rede na localidade do Daer. Serão 3.500 metros de rede nova que beneficiarão 40 famílias.



PRODUTORES DE LEITE

Os produtores de leite têm ganhado atenção do poder público. Estão sendo distribuídos cascalho para melhorar os acessos dos caminhões que fazem a coleta da produção leiteira nas propriedades.

PESCADORES ARTESANAIS

Outra ação viabilizada pela Secretaria através da Emater e Governo do Estado, foi a distribuição de 60 caixas térmicas para armazenamento da produção dos pescadores artesanais.

**Fique em dia
COM SEU MUNICÍPIO**

Programa Especial de Pagamento

- Desconto de até 100% de juros e multas
- Parcelamento em até 36x
- Direto no Setor de Tributação



**Obrigado por
produzir e
entregar com
qualidade!**

Parabéns, Colonos e Motoristas!
Uma homenagem
Governo Municipal de Rio Pardo

25 de Julho





Fotos: Cléber Nascimento

A professora Gisele Lunardi com suas asas de borboleta conta e encanta com suas histórias

O voo da borboleta

Hoje, aos 59 anos, formada em Pedagogia e em vias de obter a graduação em Biblioteconomia, Gisele Lunardi trabalha há oito anos na biblioteca municipal de Rio Pardo, a Biblioteca Ernesto Wunderlich. O hábito de ler nunca foi algo imposto a ela, mas sim estimulado. Passou a estimular outras pessoas também. Com especialização em História da Arte, pedia que os alunos desenhassem o que mais chamava atenção naquilo que acabaram de ler. “Isso estimula que a criança faça o seu trabalho sem ter que ter uma linha direcionada. Eu acho que a arte é algo muito Interligado”.

Com a internet e o grande volume de informações de fácil acesso hoje em dia, a professora diz que as informações são como um piscar de lâmpada de Natal e nós não conseguimos acompanhar. Mas faz um adendo. “O que me encanta é que nós estamos tendo uma visão muito boa em relação aos livros para jovens. E os jovens que eu falo não é só infância. Esse processo da juventude literária ela não tem uma idade nós podemos ter jovens com 50 anos porque estão na literatura então ler ali ele traz um novo saber”.

Lembrando a menina que contava histórias para o jardim de infância, relembra a visita

de uma turminha no espaço Marina de Quadros Rezende dentro da biblioteca pública. Na ocasião contou a história do rei que precisava escolher o sucessor entre os três filhos. Para isso o nobre entregou sementes a eles. Fez assim um comparativo. “A literatura é semente que a gente joga ao vento”.

E Gisele Lunardi já espalhou, e continua espalhando sementes ao vento para jovens de todas as idades. “Quando trabalhei com alfabetização de adultos eles pediam para contar histórias”.

Assim, inspirada no livro “A bela borboleta”, de Ziraldo, usa asas como caracterização durante as contações de histórias. “No meio dessa história tem uma borboleta, e ela pede às crianças que os pais leiam, que as pessoas leiam para que ela possa voar. Então eu comecei a buscar e trouxe essa questão da borboleta”.

Mas se engana quem pensa que é fácil, afinal é preciso uma preparação. “Tem que se preparar para contar história tu tem que ter uma identificação. Cada um gosta de um determinado tema, mas o encantamento que as crianças tem, que os adultos tem é quase que o mesmo”, ensina a professora Gisele.

LITERATURA

A borboleta e os livros

A história de uma professora apaixonada pela literatura e por contar histórias

Era uma vez uma menina chamada Gisele Carvalho Lunardi. Desde criança ela tinha contato com livros. Gisele ficou encantada certa vez com um volume de enciclopédias que tinha em casa. Disse que um dia iria saber todo o conteúdo delas. “É óbvio que eu não consegui entender tudo que teria ali dentro era muita informação”, lamenta.

O incentivo à leitura vem dos pais, Umbelino e Ivone Lunardi, que eram professores. “E os meus pais, principalmente a minha mãe, era muito focada na questão da literatura então a gente sempre teve acesso lá em casa a revistas e os

jornais, principalmente Correio do Povo que era um grande jornal não só pela questão de referências de informação, mas abrangência e em termos de tamanho de papel era enorme”, recorda Gisele. A pequena lia jornais, como um hábito da família, e como tinha pressa em ir brincar lia poesias de Mário Quintana.

Na escola a menina precisava fazer “composições” para poder ir para o pátio. Sem problemas para alguém que tinha o pensamento rápido e as histórias vinham naturalmente. Percebeu que através da leitura poderia criar outras histórias. “Uma vez lembrei um determinado livro que li e

eu pensei: ‘mas eu vou escrever alguma coisa’. E aí mudei algumas coisas, os personagens e percebi que através da leitura poderia criar outras histórias”.

Cada vez mais envolvida com o mundo das letras Gisele, já no ensino médio, começou a ficar com as turmas de jardim de infância no intervalo das aulas para contar histórias. E também para não precisar ir às aulas de educação física aos sábados. “Um dia comentei em casa que eu já li tudo que tinha para ler. Minha mãe disse: ‘e porque tu não inventa?’” Estava nascendo assim uma grande contadora de histórias.



“Esse processo da juventude literária ela não tem uma idade nós podemos ter jovens com 50 anos porque estão na literatura então ler ali ele traz um novo saber”.



Robson Pereira Neto, pecuarista, acadêmico de Administração.

INVISTA EM VOCÊ E NA SUA ATIVIDADE!

Faça como o Robson e outros produtores rurais formados pela nossa Universidade - POLO RIO PARDO. Conheça alguns de nossos cursos voltados para o agronegócio:

- ✓ Gestão de Agronegócio
- ✓ Meio Ambiente
- ✓ Tecnologia
- ✓ Agronomia

Aulas 100% E.A.D. ou E.A.D. com aulas ao vivo!

Várias opções de cursos e especializações!

Informe-se: 5199601 3800
Visite www.cruzeirosulvirtual.com.br



UNIVERSIDADE
Cruzeiro do Sul Virtual
Educação a distância



A literatura cura

Com suas contações, a borboleta já voou para várias cidades contando histórias, como a que diz que as águas do Rio Jacuí têm cor de chocolate, ou trazendo a história da criação do mundo e se confundindo com a história de Rio Pardo. Para tanto, Gisele Lunardi conta também com um ajudante: a marionete Joaquim. “Levo em uma mala. As crianças ficam curiosas para saber o que tem lá” se diverte. O nome do boneco foi dado por uma menininha chamada Aurora. “Era o nome do coleguinha dela”, conta Giselle. Em breve Joaquim ganhará uma companheira.

Outro destaque das contações, é uma bolsa em forma de casa que ela usa em casos de emergência. “Se uma criança está inquieta eu chamo e digo: ‘cuida da minha casa. Se o telefone tocar me chama’”, se diverte imitando como seria o som do telefone. “Manhêêê!!!!”.

As histórias sobre Rio Pardo são contadas de forma lúdica. Assim por exemplo, usa um pequeno galo para explicar como o localizado no alto da Igreja Matriz indica chuva. “Se o galo está apontado para o Jacuí, vai chover aqui”, diz fazendo movimentos com o galo em seu dedo.

Seu envolvimento com o mundo

das letras é tanto que sua maior dificuldade é quando chega na penúltima página e se dá conta que o livro já está no final. “Mesmo tendo uma paixão por ver o seu final, mas parece que aquela história ali já está comigo e me pertenceu”. Falando em livros, escolher um apenas que tenha lhe marcado é difícil. Mas cita Camilo Mortágua de Josué Guimarães, os contos das 1001 Noites.

Gisele explica ainda que a literatura cura. “Muitas vezes tu está lendo e se envolve com a história e esquece as banalidades. Quando tu lê no inconscientemente viveu aquilo ali”.

E assim a borboleta segue espalhando as sementes. O que vai brotar ninguém sabe. Por isso você leitor, jovem de qualquer idade que chegou até o final e ficou curioso em saber por que apenas um dos filhos do rei conseguiu devolver as sementes, dê uma passada ali na biblioteca pública, no Centro Regional de Cultura de Rio Pardo. A professora Gisele Lunardi vai estar ali pronta para contar essa e outras histórias. Afinal como ela diz. “Contar história é encantar”.

E assim borboleta vive feliz para sempre encantando.



O Joaquim é o ajudante de Gisele nas contações. Em breve ele vai ganhar uma amiguinha

“Nossa homenagem especial aos clientes e amigos, Colonos e Motoristas, pelo seu dia! O trabalho que move nosso país e que impulsiona nossa economia é um orgulho para todos nós!”

**AGROPECUÁRIA
DOIS
IRMÃOS**



Rua Azul Cintra, 1148 - Ramiz Galvão | Rio Pardo/RS | 51 3731 3503 | 51 98359-7966 | 51 99884 2810 | agro2irmaos@gmail.com



Rádio Rio Pardo FM

Rua Andrade Neves,
431 - Sala 202
Centro de Rio Pardo

51 3731 3790
gerencia@radioriopardo.com.br
facebook.com/radioriopardo103.5
instagram.com/riopardofm103.5
WhatsApp 51 995 550 790

Diretor Presidente
André Luís Jungblut

Gestão executiva
Jones Alei da Silva

Diretor de rádios
Flávio Falleiro

Gerente de rádio
Ricardo Figueiró

Edição
Marília Nascimento

Projeto gráfico
Gelson Pereira

Reportagens
Cléber Nascimento e
Tadeu Rodrigues

Comercial
Giselle Lima, William
Freitas e Sílvia Neuvald

Dia do Colono e Motorista

25 de julho

Nossa gratidão a quem
produz e transporta o
desenvolvimento!



RÁDIO
RIO PARDO
FM 103.5